

Introdução por Luís de Oliveira e Silva	IX
<i>Preâmbulo</i>	XXI
Referências bibliográficas e sinais convencionais	XXXI
Siglas	XXXIII

Parte I – A semiose da epopeia no Renascimento

1. Princípios fundamentais do modelo comunicacional	
– o género epidíctico ou demonstrativo – a doutrina retórico-lite- rária de Platão – as dimensões semântica e sintáctica do discurso epidíctico na <i>Retórica</i> de Aristóteles – a sobreposição dos géneros demonstrativo e deliberativo – a pertinência ética e sócio-política do discurso epidíctico-deliberativo – a tradição literária e épica (Virgílio) neste contexto – a pragmática – <i>aemulatio</i> e <i>imitatio</i> – a práxis retórica e a discursividade <i>in utramque partem</i> – versões portuguesas quinhentistas dos princípios apontados –	3
2. A <i>Eneida</i> dos humanistas e a codificação da semiose	
– a herança medieval – Petrarca na interpretação e na <i>Africa</i> – Boccaccio – Coluccio Salutati – Francesco Filelfo na interpretação e na <i>Sforziada</i> – o suplemento de Maffeo Vegio – as <i>Disputationes</i> <i>Camaldulenses</i> de Cristoforo Landino – Bádio Ascênsio – a carta a D. João II de A. Poliziano – a <i>Arcitíng</i> e de Cataldo – M. Girolamo Vida –	21
3. O ideário humanista e a poesia cavaleiresca: a canonização do <i>Orlando Furioso</i>	
– origens da convergência das tradições humanista e cavaleiresca – o <i>Teseida</i> de Boccaccio – Ariosto – a recepção do <i>Furioso</i> em Itália antes da polémica com Tasso – o prólogo de Giolito de’ Ferrari – Trissino – Fornari – Giraldi Cinzio sobre os <i>romanzi</i> – Pigna – Varchi – as alegoreses nas edições do poema de Ariosto – Dolce – Valvassori – O. Toscanella – a recepção coetânea do <i>Furioso</i> na Península Ibérica –	45

4. A confluência dos modelos de Virgílio e Ariosto na prática compositiva italiana e espanhola (1555-1588)

– a teoria épica de Giraldi Cinzio e o *Dell'Hercole* – Bernardo Tasso e a evolução de *L'Amadigi* – o *Costante* de Bolognetti – as primeiras traduções e imitações dos clássicos e dos *romanzi* em vernáculo castelhano – a *Carolea* de Sempere – os *Hechos de Alvaro de Bazán* de Hierro – o *Carlo Famoso* de Zapata – o *Cid* de Jiménez Ayllón – a *Araucana* de Ercilla – a continuação das tentativas de confluência até ao predomínio de Torquato Tasso e da sua *Gerusalemme Liberata* – a *Mexicana* de Lasso de la Vega como ilustração da mudança de paradigma – a delimitação diacrónico-epistemológica deste sistema de composição –

65

5. A repercussão da *Poética* de Aristóteles e o predomínio da teoria retórico-horaciana

– a paráfrase da *Poética* por Averróis – a ausência da poética aristotélica na teoria de M. Girolamo Vida – o influxo dos comentários aristotélicos em Portugal – as *Explicationes* de Robortello – o prólogo de B. Lombardi – as *Explicationes* de Maggi – a lição de Vettori – o «aristotelismo» dos novos tratados de poética – a *Arte Poetica* de Minturno – o comentário à poética aristotélica de Castelvetro e a sua discordância em relação aos antecessores – a teoria retórico-horaciana e a epopeia – a *In Artem Poeticam Horatii elucidatio* e a crítica a *Os Lusíadas* por Sánchez de las Brozas –

81

6. Portugal: a concepção do género épico em documentos avulsos do tempo de Camões

– o estado actual do conhecimento da teoria poética renascentista produzida em Portugal – uma concepção da epopeia expressa por alturas do nascimento de Camões, a de Lourenço de Cáceres – a perspectiva de Jerónimo Osório – António Ferreira: duas epístolas – a teoria poética de João de Barros – recomendações de Diogo de Teive e Francisco de Andrada – a «matéria heróica» segundo Jorge Ferreira de Vasconcelos – a teoria de Tomé Correia antes de se terminarem *Os Lusíadas* – a *Arte Poética* de Miguel Sanches de Lima no limiar da morte de Camões –

105

7. Conclusões: o código épico-demonstrativo do século XVI

– o conceito de «código épico» – este código e a retórica epidíctico-deliberativa são inseparáveis na época em causa – entre os factores cruciais para a definição do código épico-demonstrativo do século XVI não se conta a *Poética* de Aristóteles – o paradigma aristotélico-

-tassiano em contraste com o épico-demonstrativo – revisão dos modelos homérico-virgilianos na sua aceção humanística – o «modelo cavaleiresco» e a sua influência determinante, mas jamais destrutiva, sobre o sistema épico-demonstrativo – a posição possível das epopeias portuguesas face a este contexto –	125
--	-----

Parte II – A poesia épica portuguesa do século XVI

1. A épica quinhentista na bibliografia crítica do século XX	
1.1 – Teófilo Braga; 1.2 – Ricardo Jorge; 1.3 – Fidelino de Figueiredo; 1.4 – Hernâni Cidade e a resposta de Eugénio Asensio; 1.5 – Cabral do Nascimento; 1.6 – Jorge de Sena; 1.7 – o estado actual de catalogação e valoração dos poemas –	141
2. O corpus em síntese	
– critérios de inclusão e exclusão – o elenco deste estudo e observações gerais a seu respeito – modo de proceder à apresentação dos poemas nos capítulos seguintes –	153
3. <i>O Primeiro Cerco de Diu</i> de Francisco de Andrada	
3.1 – generalidades; 3.2 – cronologia de composição; 3.3 – sumário da narração; 3.4 – fontes de imitação histórica; 3.5 – a filiação do poema sobre normas épicas; 3.6 – a epístola de Pero de Andrade Caminha ao autor; 3.7 – fragmentos de poética explícita I; 3.8 – fragmentos de poética explícita II: o exórdio do Canto XIV; 3.9 – fragmentos de poética explícita (conclusão); 3.10 – a Proposição e a Invocação; 3.11 – a Dedicatória; 3.12 – conclusões sobre a poética do texto –	159
4. <i>Os Lusíadas</i> de Luís de Camões	
4.1 – a primeira edição; 4.2 – versões anteriores ao texto da primeira edição: os manuscritos de Luís Franco Correia e Manuel de Faria e Sousa; 4.3 – cronologia da composição I: testemunhos coetâneos; 4.4 – cronologia da composição II: ainda os manuscritos de LFC e FS; 4.5 – o manuscrito CIII/2-14 da Biblioteca Pública de Évora; 4.6 – cronologia da composição III: a imitação do <i>Carlo Famoso</i> de Zapata; 4.7 – cronologia da composição (conclusão): a Dedicatória; 4.8 – as edições, traduções e comentários quinhentistas; 4.9 – a extensão da Dedicatória e a inserção de conteúdos temáticos próprios da Proposição; 4.10 – a questão da unidade de acção I: a imitação da <i>Eneida</i> na Proposição e a crítica camonianiana clássica sobre a Proposição e a Dedicatória; 4.11 – a questão da unidade de	

acção II: a solução de Pires de Almeida; 4.12 – a questão da unidade de acção III: a imitação de Ariosto na Dedicatória; 4.13 – a questão da unidade de acção (conclusão): refutação da tese de António José Saraiva; 4.14 – a unidade retórica e os heróis; 4.15 – introdução ao problema da «crónica rimada» I: as opiniões de Manoel Correia e de Faria e Sousa; 4.16 – introdução ao problema da «crónica rimada» II: a poética actual –	179
--	-----

5. *Santa Isabel Rainha de Portugal* de Vasco Mouzinho de Castelbranco

5.1 – generalidades e cronologia da composição; 5.2 – o exórdio I; 5.3 – o exórdio (conclusão); 5.4 – sumário da narração e influxo dos modelos épicos; 5.5 – a poética da epopeia segundo o prólogo e o exórdio –	219
--	-----

6. *Naufrágio e Perdição de Sepúlveda e Leonor* de Jerónimo Corte-Real

6.1 – a crítica e a elevada qualidade artística do poema; 6.2 – data e cronologia da composição; 6.3 – os paratextos e a <i>intentio auctoris</i> ; 6.4 – sumário da narração; 6.5 – modelos literários; 6.6 – o maravilhoso; 6.7 – relação com as fontes históricas; 6.8 – elementos de poética explícita –	229
--	-----

7. *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* de Jerónimo Corte-Real

7.1 – generalidades; 7.2 – a cronologia da composição I: o manuscrito da Torre do Tombo e as alterações para a edição; 7.3 – a cronologia da composição (conclusão); 7.4 – a tradução castelhana quinhentista; 7.5 – a retórica e a poética na «Carta ao Leitor»; 7.6 – os restantes paratextos; 7.7 – introdução aos conteúdos da narração: historicidade e maravilhoso; 7.8 – as fontes históricas; 7.9 – os modelos literários na epístola do autor a Francisco de Sá de Meneses; 7.10 – a Proposição I: os modelos épicos; 7.11 – a Proposição II: a adaptação dos modelos; 7.12 – a Invocação, a religião e a intervenção da censura inquisitorial –	247
---	-----

8. *A Elegíada* de Luís Pereira

8.1 – apresentação; 8.2 – a primeira edição e a cronologia da composição; 8.3 – o autor; 8.4 – sumário da narração; 8.5 – a «crónica rimada» e a tradição épica; 8.6 – o maravilhoso e a sua excepionalidade no corpus; 8.7 – os modelos épicos e o canto elegíaco; 8.8 – as alusões intratextuais ao programa narrativo: Ariosto e Ercilla; 8.9 – conclusões sobre a poética do texto –	273
--	-----

9. Os poemas em castelhano: a *Vitória de Lepanto* de Jerónimo Corte-Real e a *Conquista de Granada* de Duarte Dias
- 9.1 – apresentação geral das duas epopeias; 9.2 – a *Vitória de Lepanto* I: diferenças entre a edição e o manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid devidas à censura; 9.3 – a *Vitória de Lepanto* II: epopeia e verdade histórica; 9.4 – a edição e os paratextos da *Conquista de Granada*; 9.5 – a poética da epopeia na epístola «a ua dama» de Duarte Dias; 9.6 – o maravilhoso e os modelos épicos da *Conquista de Granada* – 293
10. Os poemas breves
- 10.1 – *Santa Comba dos Vales* de António Ferreira; 10.2 – *Santa Úrsula* de Diogo Bernardes e *Sete Mártires de Marrocos*, anónimo; 10.3 – *Descrição de Malaca* de António de Abreu (?); 10.4 – *Prosopopeia* de Bento Teixeira – 301
11. Os poemas apócrifos e os poemas desaparecidos
- 11.1 – as oitavas publicadas por António Lourenço Caminha no século XVIII e pelo P^o Domingos Maurício Gomes dos Santos em 1956, atribuídas à *Perdição de D. Sebastião* de Jerónimo Corte-Real; 11.2 – Bartolomeu Ferraz e a sua epopeia sobre os cercos de Goa e Chaul; 11.3 – o *Templo da Honra* de Manuel Machado da Fonseca; 11.4 – o caso de Pedro da Costa Perestrelo – 311
12. Conclusões: o quadro geral
- 12.1 – a cronologia de composição e publicação – a questão da influência d’*Os Lusíadas* – a ausência de imitadores de Tasso; 12.2 – a desadequação dos instrumentos analíticos da poética aristotélico-tassiana para o estudo do corpus – os princípios teóricos de Faria e Sousa e de Pires de Almeida neste contexto – a mais antiga referência portuguesa datada à epopeia de Torquato Tasso; 12.3 – Os modelos poéticos imitados estruturalmente – a influência do *Orlando Furioso* e suas consequências – o exemplo d’*Os Lusíadas*; 12.4 – a «verdade histórica»; 12.5 – o maravilhoso; 12.6 – conclusão sobre a homogeneidade do sistema; 12.7 – conclusão sobre a natureza das intervenções da censura inquisitorial – 323
- Parte III – A «crónica metrificada»: imitação, louvor e subversão
1. O discurso da dissensão: Mamude e o sultanato guzerate
- 1.1 – o exórdio narrativo do *Segundo Cerco*, as crónicas e a «*Ilíada*»

- de Virgílio; 1.2 – o retrato de Mamude I: a imitação da crónica de Diogo de Teive e os epítetos da epopeia; 1.3 – o retrato de Mamude II: a intertextualidade com a *Eneida*; 1.4 – a inversão interventiva do louvor: a tirania portuguesa, as virtudes cambaicas e as *lembranças* para D. Sebastião; 1.5 – as vozes e focalizações do discurso épico-epidíctico; 1.6 – o sultão e o rei: a introjecção semântica e sintáctica do destinatário; 1.7 – o castigo de Mamude, as abelhas e as causas da dissensão nos últimos Cantos do *Segundo Cerco* – 347
2. Modelos de heroísmo: os filhos de D. João de Castro
 2.1 – D. Fernando de Castro – a hipérbole – pais e filhos – o símil – a figura do conselheiro – monstros e teratogénese; 2.2 – D. Álvaro de Castro – a tempestade épica – o «peso das armas» – a falsa fortaleza – 389
3. A segunda “*Ilíada*” e o poema de Lucano: os portugueses no Índico
 3.1 – a *Farsália* no século XVI e no *Segundo Cerco*; 3.2 – a reduplicação ao revés da “*Ilíada*” virgiliana; 3.3 – dissensões nos heróis e alusões a Lucano na batalha de Diu; 3.4 – discurso épico e discurso cronístico numa acção de guerra naval; 3.5 – o problema da ausência de fontes históricas – as mortes das moças de Ançote – a ética da guerra de D. João de Castro – o sono dos portugueses; 3.6 – os animais humanizados – a refeição depois da matança; 3.7 – conclusões sobre a função da *Farsália* no *Segundo Cerco* – 419
4. Vasco da Gama na “*Odisseia*” da África oriental
 4.1 – o modelo épico do heroísmo gâmico; 4.2 – a oitava de apresentação do Gama; 4.3 – vozes discordantes nos primeiros contactos entre portugueses e ilhéus de Moçambique; 4.4 – a conduta do Gama na África oriental confrontada com as crónicas, com Eneias e com o Manuel de Sousa d’*O Primeiro Cerco de Diu*; 4.5 – a permanência do comportamento apesar das revelações em Mombaça – a condenação do Gama na primeira metade de *Os Lusíadas* – 449
5. A outra face do Gama e a política dos descobrimentos portugueses
 5.1 – a reduplicação da “*Odisseia*” virgiliana; 5.2 – a nova face de Vasco da Gama na Índia; 5.3 – o primeiro discurso do Gama ao Samorim; 5.4 – o segundo discurso do Gama ao Samorim; 5.5 – os últimos actos do Gama I: o Canto oitavo; 5.6 – os últimos actos do Gama II: o Canto nono; 5.7 – a coerência e a semelhança das duas faces – 483

6. O velho do Restelo e outros velhos, ou a dialéctica do louvor
 6.1 – análise do discurso do velho do Restelo – a *color* laudatória enquanto tema da fala do ancião – paradiástole e enantiossemia – porque é venerável o velho do Restelo; 6.2 – a dialéctica épico-demonstrativa – a ironia epidíctica – os limites da contradição na epopeia; 6.3 – o velho Merecimento – a crítica da nação e a circularidade da narração no *Segundo Cerco de Diu* e n' *Os Lusíadas* – outros velhos admoestadores – 513
7. Conclusões: o sistema discursivo da epopeia portuguesa quinhentista
 7.1 – os modelos textuais da imitação e da subversão; 7.2 – para uma semiótica histórica do corpus: Bakhtin, Boyle e Kristeva; 7.3 – a crítica seiscentista e neoclássica face à semiose da História e do heroísmo na epopeia de Camões; 7.4 – o *Santa Isabel Rainha de Portugal* de Castelbranco como exemplo nuclear do intuito vituperador da «crónica rimada»; 7.5 – a tese histórico-cultural de Silva Dias e o discurso épico português da segunda metade do século XVI – 535

Parte IV – O maravilhoso: forma e significação

1. Princípios e problemas fundamentais do maravilhoso épico renascentista
 1.1 – a crítica moderna e a sua definição do maravilhoso épico português como incoerente; 1.2 – o maravilhoso camonianiano segundo a crítica antiga; 1.3 – o eclectismo religioso na epopeia de imitação; 1.4 – o enciclopédismo e o eixo formal e temático da alegoria modelada na *Eneida*; 1.5 – disseminação, contradição e tentativas de solução para o maravilhoso na poesia épica entre Ariosto e Tasso; 1.6 – os recursos mais comuns para articular o maravilhoso no poema e a liberdade semiótica; 1.7 – maravilhoso e alegoria nos poemas portugueses (introdução) – 553
2. As alegorias episódicas e a macroestrutura da narração épica
 2.1 – estrutura simétrica e código narrativo do maravilhoso no *Segundo Cerco de Diu*; 2.2 – o meio da Narração e os deuses do mar e do vento n' *Os Lusíadas* (introdução): os comentários por imitação (*Elegíada IV* e *Prosopopeia*) e por exegese (Faria e Sousa, Duperron de Castera e a actualidade); 2.3 – o meio da Narração e os deuses do mar e do vento (conclusão): a estrutura simétrica do maravilhoso episódico d' *Os Lusíadas*; 2.4 – o fecho da Narração: os códigos épicos da apoteose no *Segundo Cerco* (revisão) e n' *Os Lusíadas*; 2.5

– a ilha de Vénus I: as críticas de Diogo Bernardes, Manoel Correia, Faria e Sousa e comentadores neoclássicos; 2.6 – a ilha de Vénus II: estrutura e função; 2.7 – a ilha de Vénus III (conclusão provisória); 2.8 – a *Prosopopeia* e a simetria do seu maravilhoso – 575

3. As esferas da alegoria: uma interpretação cronotópica do maravilhoso d’*Os Lusíadas*

3.1 – a alegoria cosmográfica de Camões, a imitação de Virgílio e a crítica; 3.2 – a estrutura da máquina do mundo I: primeira abordagem; 3.3 – a estrutura da máquina do mundo II: a exegese de Pires de Almeida; 3.4 – a estrutura da máquina do mundo III: vantagens na aplicação ao poema; 3.5 – a estrutura da máquina do mundo IV: dificuldades de aplicação ao poema e respostas dos exegetas; 3.6 – a alegoria evemerista I: introdução; 3.7 – a alegoria evemerista II: Júpiter; 3.8 – a alegoria evemerista III: Baco e os deuses do mar; 3.9 – a alegoria evemerista IV: Vénus e as ninfas; 3.10 – a alegoria evemerista V: a articulação dos deuses entre si e com as personagens humanas; 3.11 – a alegoria evemerista como recurso subversivo; 3.12 – as esferas da alegoria: a junção da máquina do mundo com o evemerismo e a configuração enunciativa d’*Os Lusíadas* – 607

4. As sombras da alegoria: trilhos para a exegese do poema de Leonor e Sepúlveda

4.1 – a evolução do maravilhoso na obra épica de Corte-Real, do *Segundo Cerco à Vitória de Lepanto* – tradição e originalidade no *Naufrágio e Perdição* (introdução); 4.2 – a alegoria físico-psicológica do poema e os seus fundamentos filosóficos e textuais; 4.3 – a alegoria aplicada à narração I: Leonor no berço e no primeiro encontro com Sepúlveda; 4.4 – a alegoria aplicada à narração II: os encontros de Leonor com Proteu, Pã e Febo; 4.5 – a alegoria aplicada à narração III: o caminho de Pantaleão de Sá e sua comparação com os percursos de Sepúlveda e de Leonor; 4.6 – a máquina cosmológica do *Naufrágio*: configuração e significação – 643

5. Os significados últimos 671

Bibliografia 677

1. Poesia epo-narrativa portuguesa do século XVI 679
2. Textos clássicos (poemas, fontes e autoridades) 682
3. Estudos camonianos e de literatura portuguesa clássica 697
4. Outros estudos 716
5. Biobibliografias, catálogos e inventários 736